

ASPECTOS DA EVOLUÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DO NORTE DE PORTUGAL DURANTE O III.º E O II.º MILÉNIOS A.C.

Susana Oliveira Jorge *

Apesar da existência duma ampla bibliografia dispersa que incide sobre alguns aspectos parcelares da Pré-História recente do Norte de Portugal, não dispõem os investigadores que querem abordar este período de bases de trabalho seguras no que respeita à identificação cultural e cronológica dos materiais arqueológicos conhecidos, ou sua integração no contexto pré-histórico da Península Ibérica.

Assim, um dos primeiros objectivos dum projecto de investigação que visa a Pré-História do III.º-II.º milénios a.C. a norte do Douro, será contribuir para estabelecer as bases do quadro cronológico-cultural dos fenómenos detectados nesta região. Esse objectivo implica *reordenar o conhecido*, através duma reapreciação dos dados publicados ou existentes em Museus e colecções particulares, e, concomitantemente, *descobrir novos elementos* susceptíveis de dar corpo a um modelo coerente, explicativo da evolução humana, durante dois milénios, na mesma região.

Este duplo movimento está na origem duma primeira tentativa de abordar o tema, que aqui se apresenta.

1 — A problemática da cerâmica de «tipo penha»

Desde os finais dos anos 20 que foi reconhecida a existência da cerâmica pré-histórica na estação da Penha (Guimarães). Em breve se verificou a ocorrência de cerâmica tipologicamente idêntica ou semelhante em variadas estações do Minho e Trás-os-Montes, o que determinou, a partir de Santos Júnior (S. JÚNIOR, 1933), a formulação implícita duma categoria cerâmica situada no tempo e no espaço, de âmbito cronológico e cultural preciso.

Sobre a cerâmica de «tipo Penha» múltiplos autores propuseram diferentes cronologias e filiações culturais. Se nos dispensarmos de comentar a posição isolada de San Valero Aparisi, que identifica a cerâmica da estação de Mairos com o Neolítico antigo, em articulação com o «horizonte cardial» (VALERO APARISI, 1942), veremos que se esboçaram até recentemente quatro tipos de apreciações sobre este tema:

— a cerâmica Penha-Mairos articula-se com a «cultura campaniforme» (Eneolítico final/Bronze inicial) (R. RIBEIRO, 1931, S. JÚNIOR, 1933, A. del CASTILLO, 1947); - a c. Penha-Mairos filia-se na tradição da «cultura das grutas», incluindo-se preferencialmente no Neolítico Médio-Final, com perduração até ao Calcolítico inicial (S. PIGGOTT, 1947, J. GUILLAINE/O. V. FERREIRA, 1970); - a c. Penha-Mairos resulta da influência conjugada da «cultura das grutas» e da «cultura campaniforme», integrando-se no Eneolítico final/Bronze inicial (CUEVILLAS, 1947, R. Cortez, 1948, H. SAVORY, 1951/1969). Para Savory esta cerâmica sobreviveu até ao Bronze Tardio; - a c. Penha-Mairos filia-se no «Bronze Atlântico», ou, para alguns autores, revela também contactos com a Meseta, articulando-se com a ambiência cultural de Cogotas I, devendo inserir-se no Bronze Final (E. MACWITE, 1951, H. SAVORY, 1951, M. CARDOZO, 1971, C. A. F. ALMEIDA, 1975, P. KALB, 1979/80).

As posições anteriormente descritas suscitam um conjunto de reflexões prévias:

— Desde Santos Júnior que a cerâmica «tipo Penha» se encontra vinculada a um horizonte cultural específico, ainda que de contornos geográficos e temporais nem sempre bem definidos. Este processo unificador, que integra no mesmo âmbito cultural diversos tipos cerâmicos provenientes de múltiplas estações no Norte de Portugal, apenas se interrompe parcialmente com Savory (H. SAVORY, 1969) que identifica a cerâmica «penteada» de Cachão da Rapa e de outras estações transmontanas com o Neolítico Médio-Final, na tradição da «cultura das grutas». Por outro lado, o mesmo autor situa a cerâmica de Penha-Mairos no Bronze inicial, podendo persistir até ao Bronze Tardio, o que significa que Savory sugere a diversidade cronológica da mesma. Também Rigaud de Sousa (R. SOUSA, 1976) classifica como campaniformes os vasos de Vermoim (Vila Nova de Famalicão), distinguindo-os do grupo de cerâmicas de tipo Penha, o qual representaria uma sobrevivência tardia do estilo campaniforme da Meseta nesta área ocidental. Ora, os vasos de Vermoim, pela sua pasta, forma e temática decorativa, podem

* Universidade do Porto.

pôr-se em paralelo com outros que fazem parte do repertório tradicionalmente aceite de cerâmicas de tipo Penha (na área Penha-Mairos). Apartá-los, significou, por arrastamento, quebrar a homogeneidade cronológica e cultural desta cerâmica. Contudo, tratou-se apenas dum episódio na história da investigação recente deste tema. Mário Cardozo (1971) e C. A. F. Almeida (1975) não desenvolveram esta linha de força. Apenas P. Kalb (1980) admitiu a hipótese da existência de grupos estilísticos locais contemporâneos.

— Se exceptuarmos a tentativa de Mário Cardozo (1971) de relacionar uma data de C-14 obtida para pontas de lança de bronze (930 a.C.) provenientes da estação da Penha, com a cerâmica em questão, verificamos que as sucessivas integrações cronológicas e culturais se têm baseado na análise comparada da tipologia cerâmica. Particularmente os padrões decorativos foram utilizados na busca de paralelos, desde o Neolítico até ao Bronze Final.

Estes ensaios comparativos tiveram sempre, contudo, um carácter parcelar. Não se estudou exaustivamente nenhum conjunto cerâmico, quer tomando como referência uma estação ou um tipo morfológico ou estilístico, nem se determinou com rigor o contexto da cerâmica que se pretendia definir (material lítico ou metálico associado, morfologia dos povoados, etc.). Apenas no que toca à localização dos «habitats» onde ocorre cerâmica de «tipo Penha», existe uma breve e, apesar de tudo, sugestiva alusão num trabalho de C. A. F. de Almeida (1975) sobre a cerâmica castreja.

— Não se tendo feito um estudo de conjunto sobre este tema, não se definiu de forma clara, em termos tipológicos, o que se deveria entender por cerâmica de «tipo Penha», o que logicamente levou a que os diversos autores que trataram do assunto hesitassem quanto à delimitação da área de distribuição geográfica da mesma cerâmica.

Assim, a maior parte dos autores (S. PIGGOTT, 1947; CUEVILLAS, 1947; SAVORY, 1969; M. CARDOZO, 1971; R. SOUSA, 1975; C. A. F. ALMEIDA, 1975; P. KALB, 1979/80) circunscreve a área de expansão da cerâmica, ao Minho (fundamentalmente, estações em redor da serra da Penha, Guimarães) e ao Alto Tâmega (estações em redor de Chaves) - trata-se, neste caso da área Penha-Mairos. Mas outros integraram também estações do vale do Douro (S. JÚNIOR, 1933; CASTILLO, 1947) ou do mesmo vale e do Leste Transmontano (R. CORTEZ, 1948). Sem dúvida que esta indefinição geográfica deriva de duas ordens de factores: desde há muito que a investigação incidiu fundamentalmente sobre estações, ou localizadas no litoral, ou que mereceram pontualmente a atenção dos arqueólogos, como Mairos, na região de Chaves; o leste transmontano ou o vale do Douro não foram objecto de estudo, a não ser através de prospecções superficiais ou de escavações cujos resultados continuam inéditos (é o caso da Lorga de Dine, no distrito de Bragança, que tendo sido escavada nos anos 60 apenas, até hoje, mereceu uma curta comunicação apresentada ao III.º Congresso Nacional de Arqueologia, de autoria de C. H. Harpoe e M. F. Ramos); - em segundo lugar, os materiais cerâmicos conhecidos provenientes destas áreas menos prospectadas, apresentam características particulares, que os diferenciam parcialmente do padrão habitual das estações do Minho e de algumas do Alto Tâmega. Savory (1969) chega mesmo a colocá-los no Neolítico, em oposição aos da Penha. Assim, os investigadores foram restringindo a área de dispersão da cerâmica de «tipo Penha» ao Minho e à região de Chaves, ao mesmo tempo que, baseados na análise empírica do material destas duas zonas, apresentavam uma proposta de caracterização tipológica genérica da referida cerâmica. E essa caracterização tipológica privilegia do ponto de vista decorativo, a técnica de incisão profunda, associada a temas geométricos separados por caneluras verticais (métopas). Este padrão encontra-se em vasos de médias dimensões, de forma globular e leve estrangulamento no colo (C. A. F. ALMEIDA, 1975). Admite-se no entanto a existência de outras possibilidades decorativas (puncionamentos e impressões associadas a sequências horizontais) e de variantes morfológicas pouco significativas. Dentro das primeiras, há que fazer referência à opinião de S. Júnior (S. JÚNIOR, 1933), Cortez (R. CORTEZ, 1948) ou Castillo (A. del CASTILLO, 1947) sobre a existência da técnica de Boquique em alguns recipientes de estações de Trás-os-Montes, ou de Macwhite (E. MACWHITE, 1951) sobre o reconhecimento da técnica de incisão em vasos da Penha. Contudo, estas técnicas decorativas são hoje analisadas como técnicas de incrustação, articuladas com a ambiência de Cogotas I - Bronze Médio-Final da Meseta. Neste sentido estrito, elas estão ausentes da cerâmica em questão, o que é um dado a reter para a sua futura integração cultural. A existência do que poderíamos considerar uma forma específica de técnica de Boquique - de tradição neolítica - está, de certo, na origem da confusão daqueles autores.

Perante a necessidade de rever a problemática em presença há que previamente levantar um certo número de hipóteses sobre a cerâmica de «tipo Penha»:

- trata-se de um grupo cerâmico tipologicamente homogéneo, pertencente a uma só época, que ocorre numa ou em várias regiões definidas, sendo a expressão (entre outras) de um horizonte cultural de incidência regional ou trans-regional;

- trata-se de um grupo cerâmico tipologicamente homogêneo, que ocorre em mais de uma época, numa ou em várias regiões definidas, podendo integrar-se, como elemento componente, em vários horizontes culturais sucessivos, de incidência regional ou trans-regional;
- trata-se, não de um grupo cerâmico, mas de vários, ocorrendo numa época definida, numa ou em várias regiões, sugerindo a existência de horizontes culturais coevos, ou simples fácies do mesmo horizonte cultural numa determinada área, de âmbito regional ou trans-regional;
- trata-se de vários grupos, pertencentes a épocas diferentes, ocorrendo numa ou em várias regiões, e eventualmente correspondentes a horizontes culturais sucessivos, de incidência regional ou trans-regional.

De notar que estas questões prévias simplificam voluntariamente o problema, procurando apenas considerar as hipóteses mais plausíveis.

Este leque de hipóteses exige obviamente um estudo longo e complexo, orientado em várias direcções. Mas é óbvio, dado o estado incipiente da investigação neste domínio, que é fundamental obter a curto prazo sequências estratigráficas regionais e datações absolutas que possibilitem o posicionamento no tempo deste(s) tipo(s) cerâmico(s) e seu contexto cultural.

Em 1980 iniciou-se um programa de investigação em estações do distrito de Vila Real (particularmente no concelho de Chaves), tendo já sido realizadas escavações em três delas (Vinha de Soutilha, Pastoria e Castelo de Aguiar). Embora estejamos ainda numa fase preliminar dos trabalhos, cremos ter elementos para afirmar que este tipo de povoados integrava essencialmente, nesta região, estruturas habitacionais elementares utilizando abundantemente materiais perecíveis, as quais se adossavam a afloramentos graníticos, em zonas de altitude variável, dominando vales de rios importantes (Tâmega, Corgo). Eram delimitados por pequenos cursos de água, nas proximidades de terrenos férteis.

O material encontrado ainda que varie consoante as estações, é constituído por abundantes recipientes cerâmicos, predominantemente decorados, de superfícies alisadas ou polidas, pontas de seta em xisto e, mais raramente em sílex e quartzo, raspadeiras carenadas e lâminas retocadas em quartzo e xisto, machados e enxós polidos e moinhos oblongos. Alguns fragmentos de metal (provavelmente cobre) e de cadinhos cerâmicos de pasta porosa (Vinha de Soutilha) sugerem, juntamente com outros dados extraídos do conjunto da escavação, a prática duma metalurgia ainda muito incipiente. Os padrões decorativos da cerâmica são variados (particularmente na Soutilha, utilizando-se nesta estação a incisão e o puncionamento como técnicas principais, sobretudo numa 1.ª fase). O que é importante salientar é a coexistência, a partir dum momento intermédio de ocupação desta estação, de cerâmicas incisadas metopadas, características de estações predominantemente litorais (Penha-Gândara) com outras que combinam, ao nível decorativo, a incisão, o puncionamento ou a impressão em diversificadas organizações (como os triângulos incisados preenchidos com punções, as ondulações «penteadas» junto ao bordo, linhas incisadas simples também junto ao bordo, etc.), as quais, ainda que tenham uma representação ampla em todo o território a norte do Douro, ocorrem fundamentalmente na região transmontana (Mairos, S. Lourenço, Cachão da Rapa, Dine, Penas Róias).

No contexto do do Noroeste Peninsular e da Meseta Norte, podemos encontrar paralelos para o contexto cultural das estações em estudo. A situação topográfica (altitude relativamente elevada), bom controle sobre um vale fértil, proximidade de cursos de água e terrenos potencialmente cultiváveis, utilização de afloramentos rochosos como parede natural protectora de estruturas habitacionais, são algumas das características comuns a povoados do Norte de Portugal e Galiza e outros de SO da Meseta Norte, compreendendo o bordo do Sistema Central e a bacia sedimentar do Douro (S. LÓPEZ PLAZA, 1978). Também os materiais, no seu conjunto, apontam para afinidades culturais, que ultrapassam as meras fronteiras naturais do Noroeste. Particularmente a cerâmica de formas simples, esféricas ou ovóides, superfícies alisadas claras (por vezes polidas de cor acinzentada escura) decoradas ou lisas, adequa-se à tipologia geral da de Teso del Moral e Peña del Aguila de Muñogalindo, ou da de Fontanillas de Castro e La Peña del Bardal, entre muitas outras estações do SO de Meseta Norte (S. LÓPEZ PLAZA, 1979).

Contudo, a ausência de motivos incisados metopados (no estilo Penha-Mairos) e a menor quantidade de recipientes decorados no repertório cerâmico da Meseta, bem como a quase ausência de decoração plástica (pelo menos, até à data) na cerâmica do Norte de Portugal, conduz-nos, mais uma vez, à suposição dum amplo regionalismo cultural em toda esta vasta área, regionalismo que será certamente acentuado quando estivermos de posse de todos os elementos culturais que diferenciam os diferentes grupos que habitaram durante a Pré-História recente a bacia hidrográfica do Douro e o Noroeste em geral.

Os principais investigadores que têm tratado este tema na Meseta (G. DELIBES DE CASTRO, 1976; LÓPEZ PLAZA, 1978; 1979; 1980; 1981/M. VALLS e G. DELIBES DE CASTRO, 1975; 1976; 1977; 1981; 1982), integram as estações mencionadas no Calcolítico pré-campaniforme da Meseta, na tradição neolítica da «cultura das grutas», acentuando a possibilidade da existência de relações culturais com a

Estremadura portuguesa durante o Calcolítico inicial (V. N. S. Pedro I) e o Sudeste durante a mesma fase (Los Millares I). Baseiam-se na análise comparada dos utensílios das diferentes áreas e objectos considerados culturais. Muitos desses elementos não foram ainda identificados na Vinha da Soutilha e em todas as outras estações conhecidas pertencentes ao contexto em questão, nomeadamente os chamados «ídolos de cornos», a decoração plástica em recipientes cerâmicos, ou a pintura no exterior ou interior dos vasos. Mas subsistem, na nossa opinião, suficientes dados que possibilitam a aproximação genérica não só da Soutilha como de grande parte das estações que forneceram cerâmicas de «tipo Penha» com a ambiência cultural meridional durante parte do III.º milénio a.C.. O repertório de formas cerâmicas é marcadamente semelhante (S. OLIVEIRA JORGE/T. SOEIRO, 1981) ao que se conhece do Neolítico Médio-Final/Calcolítico do Sul da Península: vasos esféricos, taças, recipientes de corpo ovóide de colo direito ou extrovertido, alguns tronco-cónicos. São vasos de tamanho predominantemente médio, mas também existem outros de diâmetro inferior a 5 cm, comparáveis aos conhecidos vasos minúsculos de V. N. S. Pedro e de outras estações do mesmo âmbito cultural. Embora predominem as superfícies alisadas claras, alguns exemplares da Vinha de Soutilha apresentam engobes vermelhos ou aguadas escuras, conferindo às superfícies um polimento extremamente brilhante. A tabela de técnicas e motivos decorativos das cerâmicas em questão é deveras sugestiva em ordem à busca de paralelos, principalmente nas grutas e povoados chamados pré-campaniformes do Centro e Sul de Portugal. Tendo como referência a classificação decorativa de V. Leisner e H. Schubart (LEISNER, SCHUBART, 1966), notamos a recorrência da impressão «penteada», tal como em Casa da Moura ou V. N. S. Pedro, de triângulos encisos preenchidos com puncionamentos, como na Furninha ou Pedra do Ouro, de múltiplas incisões sob a forma de retícula ou espiga, como em Olelas, V. N. S. Pedro ou Chibanes, apenas para citar alguns exemplos. Aliás, esta articulação não é nova, pois em 1970 Guilaine e Veiga Ferreira (J. GUILAINE, O. VEIGA FERREIRA, 1970), na esteira de Piggott (S. PIGGOTT, 1947) e Savory (H. SAVORY, 1969), renovam esta perspectiva (extensiva a toda a cerâmica Penha), sem que, no entanto, ela tenha sido discutida pelos investigadores subsequentes, que a partir de Mário Cardozo (CARDOZO, 1971) se empenharam em justificar a cronologia recente (Bronze Final) proposta por aquele autor.

É certo que alguns padrões decorativos das estações litorais (Penha-Gândara) (CARDOZO, 1971/A. de SOUSA, 1981-82) se distanciam profundamente dos sistematizados para a Estremadura e Sul de Portugal. Trata-se dum estilo exuberante, que utiliza o traço inciso fundo e articula no mesmo vaso múltiplos motivos geométricos separados horizontal e verticalmente por caneluras. Não está obviamente comprovada a associação estratigráfica com a restante produção cerâmica de superfície das referidas estações, mas, em termos de formas e pastas, não encontramos qualquer diferença significativa. Apesar de tudo, e dada a especificidade destes tipos cerâmicos que levou particularmente Savory (SAVORY, 1969) a inclui-los na I. do Bronze, numa linha directa de influência da «cultura das grutas» e da ambiência campaniforme parece-nos que há que colocar a hipótese da provável sobrevivência de certos padrões estilísticos até finais do III.º, inícios do II.º milénio a.C.. Como veremos, esta hipótese impõe uma reflexão sobre a forma de passagem no Norte de Portugal, dum provável horizonte «calcolítico» inicial a outro que pode integrar a cerâmica campaniforme.

Independentemente da cerâmica, a utensilagem lítica e metálica, como outros indícios duma prática metalúrgica nascente, conduzem-nos a colocar a hipótese de aceitar, em termos de amplos parâmetros cronológicos e culturais, o III.º milénio a.C., como fase genérica de início de desenvolvimento dos grupos que fabricam algumas das formas cerâmicas aglutinadas sob a designação de «tipo Penha».

Recentemente obtivemos uma datação absoluta pelo C14 para uma lareira do nível intermédio da área habitacional do sector III da estação de Vinha da Soutilha (Mairós, Chaves); UGRA 133 - 4650 ± 150 B.P. 2700 ± 150 a.C.

Sobre ela apenas um prévio comentário. Em primeiro lugar, trata-se duma data isolada em todo o contexto das cerâmicas de «tipo Penha». Não é possível, assim, ir mais além do que tentar verificar a verosimilhança de tal datação, em função do conjunto de ilações anteriormente expostas.

A nível peninsular, as datações absolutas mais antigas que possuímos para o contexto calcolítico inicial pré-campaniforme são de: Los Millares (2430 ± 120 a.C.; 2345 ± 85 a.C.), El Barranquete (uma tholos) (2350 ± 130 a.C.). Praia das Maças (câmara ocidental escavada na rocha) (2300 ± 60 a.C.), Zambujal (2250 ± 40 a.C.) e Santa Justa (2360 ± 170 a.C.). Neste conjunto, a data agora apresentada revela-se demasiado alta e, a ser confirmada por outras, só poderá sugerir a existência dum momento inicial de prospecção do metal por parte das populações vindas numa ainda recente tradição neolítica. Tal hipótese não estaria em desacordo com as opiniões de Savory (SAVORY, 1969), ou J. Guilaine (GUILAINE, 1976), que propõem um lapso de tempo entre 2800-2700/2500 a.C. para a formação das múltiplas manifestações do Calcolítico inicial na Península. Baseada neste último autor, S. López Plaza (LÓPEZ PLAZA, 1978) sugere igualmente a data de 2800 a.C. para o começo de fácies calcolítica da Meseta. Neste sentido, ainda que se nos afigure uma data excessivamente antiga, aceitamo-la provisoriamente como um dos marcos possíveis para a ocupação de Vinha de Soutilha, sem que seja viável, neste momento, precisar a cronologia absoluta das cerâmicas de «tipo Penha» na sua totalidade.

No Norte e Centro de Portugal, as estações datadas pelo C14 que possuem precisar cronológicos aproximáveis do de Mairós são: Mamoá 2 de Outeiro de Gregos (3000 ± 50 a.C.), Orca de Seixas (2950 ± 40 a.C.), Carapito 1 (2900 ± 40 a.C.; 2640 ± 65 a.C.), Orca dos Castenairos (2660 ± 50 a.C.).

Todas estas datas, qualquer que seja o comentário à sua verosimilhança, pertencem a contextos dolménicos. Por outro lado, sabemos quanto o fenómeno megalítico deve ter perdurado, sob formas diversas, até à Idade do Bronze, no Norte de Portugal (V. O. JORGE, 1982). Ora, apenas no dólmen de Zedes, se reconheceu, até ao momento, a existência dum fragmento cerâmico com decoração «penteada». Assim, não parece haver sintonia ou específica forma de articulação entre o fenómeno megalítico (mesmo nas suas manifestações tardias) e o mundo das cerâmicas de «tipo Penha», ainda que saibamos da sua esporádica existência em monumentos megalíticos galegos. Se no leste transmontano há indícios da utilização de grutas com fins provavelmente sepulcrais em relação com cerâmicas «penteadas», incisas e puncionadas, nas outras áreas desconhece-se, em absoluto, a existência de estruturas funerárias e rituais que se possam atribuir aos autores ou utilizadores da cerâmica em questão.

2 — Problemática da 1.^a metade do II.^o milénio a.c.

O nosso conhecimento sobre a existência da cerâmica campaniforme no Norte de Portugal é pobre e fragmentário. Basicamente resume-se à descoberta de fragmentos cerâmicos em contextos tumulares revolidos ou em habitats ainda não suficientemente escavados. Contudo, a reorganização de todos os dados conhecidos é susceptível de conduzir a um aprofundamento de algumas questões que se prendem com a mutação social realizada na passagem do III.^o para o II.^o milénio a.C.

No litoral, a cerâmica campaniforme foi detectada em dois monumentos megalíticos: no dólmen da Barrosa (Vila Praia de Âncora), monumento de tipo evolucionado, de câmara alongada e corredor indiferenciado e na mamoá de Guilhabreu (Vila do Conde), monumento cuja estrutura dolménica, a ter existido, foi completamente destruída por violações. As condições de jazida destas cerâmicas em ambos os túmulos sugerem remeximentos posteriores à sua deposição original. Em Guilhabreu estamos perante o estilo pontilhado de bandas marítimo - variante linear - e, quer em Guilhabreu, quer na Barrosa, surge também um padrão híbrido, que podemos provisoriamente assimilar ao pontilhado geométrico.

Para o interior, a cerâmica campaniforme aparece na Mamoá 2 de Outeiro de Ante (Baião), situada no «plateau» superior da serra da Aboboreira, pequeno monumento tumular com câmara poligonal simples alongada, com umbrais (GONÇALVES, 1983) na Mamoá 1 da Chã do Carvalhal (periferia da Serra da Aboboreira, Baião) (CRUZ, 1983), numa mamoá em Carvalhelhos (Boticas). Em todos estes túmulos, a referida cerâmica foi encontrada fora do seu contexto original, quer tenha sido registada no fundo da câmara (Mamoá 2 de Out.^o Ante), quer fora desta, nas terras revolvidas do «tumulus», (Chã do Carvalhal). O estilo de pontilhado de bandas ocorre em Chã do Carvalhal, conjuntamente com o pontilhado geométrico e o estilo inciso que, no conjunto, se articulam com os complexos Ciempozuelos - Palmela. O pontilhado geométrico e o estilo inciso estão também presentes respectivamente em Outeiro de Ante (Baião) e Carvalhelhos (Boticas). As duas únicas estações de ar livre relacionadas com a cerâmica campaniforme são também interiores: Tapado da Caldeira (Baião), e Pastoria (Chaves). Embora em situações topográficas diferentes, ambas se relacionam com áreas potencialmente cultiváveis de vale. O povoado do Tapado da Caldeira foi destruído parcialmente por uma necrópole do Bronze Tardio. Implantava-se numa pequena plataforma sobranceira ao vale dum ribeiro que nasce num dos pontos altos da periferia sudoeste da serra da Aboboreira e é sub-afluente do Douro. Nele se descobriram, além de artefactos líticos, fragmentos cerâmicos lisos e decorados, segundo os estilos de pontilhado geométrico e inciso do tipo Meseta. O povoado da Pastoria situado num pequeno esporão proeminente frente ao vale do Tâmega, apresenta um duplo interesse: contém ainda estruturas de pedras preservadas, e articula-se com o contexto habitacional de cerâmica de «tipo Penha». Neste sentido, é desejável que a ampliação das escavações possa demonstrar o processo de eventual relação com a ocupação anterior e fornecer pistas quanto à forma como essa evolução se realizou no local. Esta estação forneceu vasos lisos com cordões e outros decorados segundo a técnica de pontilhado a qual se exprime através de motivos geométricos de índole regional.

Apesar da amostragem de estações e materiais ser ainda pouco significativa, e, por outro lado, o estado da investigação neste domínio ser ainda muito incipiente, algumas ilações podemos tirar com base na actual fase dos nossos conhecimentos:

— o contexto sepulcral da cerâmica campaniforme revelou-se, até ao momento, *ausente* de elementos habitualmente associados noutras áreas: braçal de arqueiro, ponta de tipo Palmela, punhal de lingueta, botão em osso com perfuração em V e certos adornos em ouro. Alguns destes objectos ocorrem no Norte de Portugal em tumulações individuais em cista, sem cerâmica campaniforme, considerados, numa forma geral, mais tardias (R. HARRISON, 1974 b). Esta aparente dissociação que, no caso do Norte de Portugal pode ser fruto dum estado embrionário e parcelar da nossa investigação, parece repetir-se, em

muitos casos, na Galiza, ainda que surjam excepções como em Finisterra (Corunha) ou Roupar (Lugo) (F. CRIADO BOADO e J. M. VAZQUEZ VARELA, 1982). Não cabendo, de momento, discutir a relação cronológica das tumulações com ou sem c. campaniforme, parece-nos de reter este aspecto sugerido pelo registo arqueológico;

— a cerâmica campaniforme aparece inserida (seja qual for a localização no túmulo) em monumentos funerários megalíticos ou de tradição megalítica (como Chã do Carvalho). Seja qual for o tipo de tumulação campaniforme (em rigor, desconhecemo-lo, dada a falta de conjuntos fechados preservados), os enterramentos utilizam os anteriores espaços sepulcrais, ou reutilizando os antigos túmulos ou eventualmente construindo novos, segundo os mesmos processos construtivos gerais. No entanto, algumas variações são perceptíveis, relativamente aos monumentos anteriores, particularmente demonstráveis na Galiza, onde são conhecidas mamoas de terra sem estrutura de pedra relacionadas directamente com inumações campaniformes (F. CUEVILLAS, 1980).

— no N. de Portugal estão presentes os tipos cerâmico marítimo, Ciempozuelos e Palmela, como aliás também acontece na Galiza (CRIADO BOADO e J. M. VAZQUEZ VARELA, 1982). Ainda que se aceite a nível peninsular a anterioridade genérica do estilo marítimo relativamente aos inciso e pontilhado geométrico (num momento não datado dos finais do III.º milénio a.C.), está provada a sua existência em Cerro de la Virgen, Orce (Granada) em níveis datados entre 1970 ± 60 a.C. e 1940 ± 40 a.C. Por outro lado, se nos escusarmos de comentar as datas isoladas de Reina Mora, Somaén, verifica-se uma larga perduração dos complexos Ciempozuelos — Palmela ao longo da 1.ª metade do II.º milénio. Desde Cerro da La Virgen (1970-1850 a.C.), Los Husos (Álava) (1970 a.C.), Los Castillejos de Montefrio (Granada) (1865 a.C.) ou Gobaederra (Álava) (1710 a.C.), passando pelas datas da Tholos da Praia das Maças (Estremadura) (1690 a.C.), Zambujal (Estremadura) (1690 a.C.), Penha Verde (Estremadura) (1470 a.C.) ou mesmo La Vaquera (Segóvia) (1330 a.C.), constatamos que elementos campaniformes se inserem em diversos contextos do Bronze inicial e provavelmente inícios do Bronze Médio (G. DELIBES DE CASTRO, 1978). Embora as datas das últimas estações citadas possam oferecer dúvidas quanto à sua total validade, mesmo para os autores das escavações, a sequência estratigráfica de Arevalillo (Segóvia) (D. M. FERNANDEZ-POSSE y de ARNÁIZ, 1981) sugere a existência dum horizonte campaniforme tardio (séc. XV a.C.) na Meseta oriental. Neste sentido, e enquanto não possuímos datações absolutas para o Norte de Portugal e o Noroeste, em geral, apenas podemos pressupor um largo período de desenvolvimento para o fenómeno campaniforme desde os finais do III.º milénio a.C. (aparecimento dos primeiros tipos marítimos), e ao longo da primeira metade do II.º milénio a.C., particularmente até 1700 a.C., (sobrevivência de alguns tipos marítimos a par do aparecimento de tipos pontilhados geométricos e incisos). É óbvio que esta larga cronologia, a confirmar-se, colocaria a questão duma eventual contemporaneidade, ao menos parcial, entre manifestações sepulcrais com cerâmica campaniforme e outras sem cerâmica campaniforme mas com outros elementos que, em outras áreas lhe andam habitualmente associados, e que no seu conjunto caracterizam o que Harrison (1974 b) designou por «Grupo de Montelavar», o qual situou numa fase posterior à da ocorrência da cerâmica campaniforme (1750-1500 a.C.). Tal diversidade tumular deixaria pressupor a existência na 1.ª metade do II.º milénio a.C. duma sociedade fortemente hierarquizada e polimorfa, imagem que não nos custa a aceitar, mas cujas implicações de ordem social necessitariam de ser largamente comprovadas;

— como se articula a cerâmica campaniforme com o substrato local do III.º milénio a.C.? Eis uma pergunta que em si própria toca o cerne das questões relativas à explicação e definição do fenómeno campaniforme como um todo. O estudo de povoados como o da Pastoria poderá ajudar a entender como se deu a passagem duma ocupação apenas com cerâmicas de «tipo Penha» a outra que integra também cerâmica campaniforme. E, neste sentido, testar o valor duma tese, hoje já clássica, de que a cerâmica campaniforme (e certos objectos de prestígio associados) não devem ser vinculados a um grupo humano específico, mas encarados como elementos diferenciadores no seio de diversos contextos regionais que os assimilam e reproduzem (R. HARRISON, 1977/1980). Dada a heterogeneidade cultural existente nesta região, sugerida no registo arqueológico por manifestações de tipo megalítico bastante diversificadas e povoados articuláveis com a ambiência das cerâmicas de «tipo Penha», cuja eventual interecção não se encontra de todo esclarecida, abre-se no futuro um amplo panorama de pesquisa visando a compreensão do papel que o fenómeno campaniforme desempenhou como possível agente e reflexo dum importante processo de mutação social que abarca todo o Norte de Portugal.

Essa mutação social é particularmente perceptível na 1.ª metade do II.º milénio a.C. (1800-1500 a.C.) pela emergência de múltiplas formas de enterramento e pela diversidade de espólios funerários, como pela ocorrência dos primeiros depósitos de tesouros que indiciam uma importante actividade metalúrgica local.

Entre as novas manifestações funerárias - inumações individuais em cista (com ou sem «tumulus») - salientam-se as sepulturas da Quinta da Água Branca (Vila Nova de Cerveira) e de S. Bento de Balugães

(Barcelos). A primeira continha no seu interior um punhal largo de lingueta em cobre (Estádio II de Almagro Gorbea, 1976), duas espirais e dois aros em ouro e um diadema frontal de ouro, constituído por uma lâmina fina, rectangular, decorada perifericamente com incisões geométricas (1750-1700 a.C., M. RUIZ-GALVEZ PRIEGO, 1979). A segunda, cuja arquitectura original se desconhece, ofereceu quatro pontas de cobre de tipo Palmela e uma «gargantilha» em ouro, também constituída por lâmina fina, rematada em alargamentos curvos e fendida na parte média em cinco tiras (1750-1600 a.C., PRIEGO, 1979). Recentemente encetou-se o estudo duma necrópole de cistas construídas em concavidade abertas no saibro em Chã de Arefe, Durrães (Barcelos) (*), da qual provém, até ao momento, uma ponta de lança de cobre, dois braçais de arqueiro e um vaso liso, tronco-cónico. Da mamoa de Vilar (Vila do Conde), cuja estrutura interna se ignora, são conhecidos um braçal de arqueiro em xisto e uma ponta de cobre pedunculada de tipo Palmela. Se atendêssemos à classificação de Ruiz-Galvez Priego (1979), em articulação com o que se conhece de contextos semelhantes da Galiza, poderíamos sugerir para os dois últimos casos, particularmente Chã de Arefe, a cronologia de 1800-1700 a.C..

Estamos assim perante a ocorrência de uma associação funerária e ritual que integra a inumação individual em cista (de processo construtivo variável, com ou sem «tumulus»), e a existência de objectos de prestígio constituídos por pontas de cobre de tipo Palmela (o artefacto predominante), punhal de lingueta, adornos em ouro, braçais de arqueiro e, num caso, um vaso liso. A cerâmica campaniforme está ausente. Os objectos acima mencionados podem nem todos fazer parte dum só enterramento, mas a cerâmica campaniforme encontra-se sempre excluída. Harrison (1974 b) designou esta associação arqueológica «Grupo de Montalvar», em paralelo cronológico e cultural com o «Horizonte da Ferradeira» no Sudoeste peninsular (H. SCHUBART, 1971), o qual se teria desenvolvido, particularmente no Noroeste, entre 1750 e 1500 a.C.. Como é facilmente detectável, este tipo de enterramento parece articular a tradição campaniforme com influências atlânticas, nomeadamente provenientes da Bretanha, materializadas em tipos de adornos e armas, como deixa antever contactos com o SE e o SO da Península (P. HARBISON, 1967; R. HARRISON, 1974 a; RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1979). Como veremos, esta tripla influência manifesta-se também na restante produção de objectos em metal desta época, quer seja constituída por tesouros, esconderijos ou depósitos, ou achados dispersos.

Particularmente interessante será atender ao polimorfismo tumular da 1.^a metade do II.^o milénio a.C. Já relativamente aos enterramentos que se articulam com o «Grupo de Montalvar» se verifica uma marcada diversidade de arquitecturas e espólios. Cremos, no entanto, que há indícios da provável existência de tumulações de tradição megalítica, com espólios específicos, que sugerem um longo desenvolvimento cultural autóctone. A Mamoa 1 de Out.^o de Gregos (Baião) poderá ser um exemplo deste tipo de monumentos (V. Oliveira JORGE, 1980). Trata-se duma câmara megalítica baixa, de tipo cistóide, envolvida por um «tumulus» de pedras, também baixo, o qual está delimitado por um anel constituído por grandes blocos. Esta estrutura está rodeada dum «lajeado» horizontal de pequenas pedras que se alonga em um dos sentidos, de forma trapezoidal. Nesse «lajeado», numa das suas extremidades, foi identificada uma «estrutura periférica» constituída por blocos e lajes definindo um espaço sub-rectangular. Debaxo desse lajeado, na área definida pela estrutura periférica, foi descoberto um vaso tronco-cónico, de bordo largo, oblíquo, asa e mamilos. No fundo da câmara há a assinalar a presença duma espiral em prata, de secção elíptica, terminando em ponta fina. Na serra da Aboboreira num outro monumento baixo, (Mamoa 4 de Meninas do Crasto, Baião), considerado um «cairn» (que poderia ter envolvido uma pequena câmara megalítica) (V. Oliveira JORGE, 1983), também foi descoberta uma espiral de prata idêntica à anterior e fragmentos dum vaso tronco-cónico com mamilos no bordo. Este tipo de espirais tem paralelo numa outra proveniente da Mamoinha da Cerca (Esposende) e, na Galiza, por ex., na cista de A Pedrosa. São objectos que, duma forma geral, poderão ser característicos dos inícios do Bronze inicial (1800-1700 a.C.) (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1979) embora, dada a sua simplicidade, possam ter perdurado até mais tarde. Os vasos tronco-cónicos, com ou sem asa e mamilos (sob ou sobre o bordo), bem conhecidos do Norte de Portugal, parecem provir, na sua maioria, ou de monumentos megalíticos ou cistas, embora seja difícil tentar descrever estes túmulos ou inquirir das condições de jazida em que os vasos foram encontrados. Na Beira Alta, onde também são muito abundantes em contextos megalíticos, podem corresponder a uma fase de tumulação posterior à da primeira utilização das antas em que ocorrem se tivermos em conta os elementos fornecidos pelas escavações dos dólmenes do Carapito (V. LEISNER e L. RIBEIRO, 1968). Mas desconhecemos a sua exacta cronologia. Algumas articulações, quer com monumentos tumulares considerados tardios, quer com alguns — poucos — objectos metálicos (os já mencionados e os outros que referiremos adiante), poderão ajudar a integrá-los, «grosso modo» no Bronze inicial ou inícios do Bronze Médio, em casos em que ocorrem associados a tipos mais recentes.

Os primeiros depósitos de armas e/ou tesouros denotam afinidades atlânticas. É o caso das alabardas tipo Carrapatas (SCHUBART, 1973) de Vale Benfeito, Carrapatas (Macedo de Cavaleiros),

(*) Comunicação de Armando Coelho da Silva, António Baptista Lopes e Tarcísio Pinheiro Maciel apresentada ao III.^o Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular, Guimarães.

Abreiro (Mirandela) e Alto de Pereiras (Vimioso), as quais parecem imitar protótipos britânicos e irlandeses, embora se devam inserir, a nível peninsular, na ambiência de Montelavar (1800-1700 a.C., PRIEGO, 1979), dada a sua corrente articulação com pontas tipo Palmela e punhais de lingueta. Também o tesouro de Cabeceiras de Basto (Braga) constituído por uma lúnula e dois discos em ouro, traduz prováveis relações atlânticas, durante a fase de 1750-1600 a.C. (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1979), embora devam ser consideradas produções locais (TAYLOR, 1970).

O conjunto de Sequeade (Barcelos) (T. SOEIRO, 1982), constituído por um vaso sub-cilíndrico de fundo plano, com asa, que teria contido uma meada em ouro de fios de secção predominantemente circular, sob um «testo» de cerâmica, lembra, por sua vez, esconderijos semelhantes existentes em França, durante o Bronze inicial, como o depósito de Pontgibaud (Puy-de-Dôme) ou o de Heidolsheim (Bash-Rhin), embora possam ter persistido no Bronze Médio (C. ELUÈRE, 1982).

De mais difícil identificação cronológica se mostra a cadeia de espirais em ouro de Chaves cujos fios se encontram apertados por outros mais curtos, processo também utilizado na meada de Sequeade e que parece indicar que estamos em presença dum objecto que deixou de ter a sua função ornamental primitiva.

Espirais, particularmente em prata, são comuns na fachada atlântica (citemos, apenas como ex., o conjunto das Antas de Ulla, Pontevedra) e integradas correntemente no Bronze Antigo (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1979). Dentro deste contexto, que tem em conta aspectos tipológicos dos materiais e tipo de matéria-prima, não colocamos de lado a hipótese de a cadeia de espirais em ouro de Góis (Barcelos) poder articular-se com este momento genérico da 1.^a metade do II.^o milénio a.C. (Ruiz-Gálvez Priego considera que a forma da secção dos fios destes objectos «não é determinante duma maior ou menor antiguidade» (1978, p. 160).

A par destas produções locais de artefactos metálicos que insinuam amplas relações atlânticas, podemos constatar que o fundo campaniforme e o eco das produções meridionais (em cobre) se faz sentir em conjuntos dispersos pelo Norte do país, cujas condições de jazida desconhecemos na sua maioria, os quais estão a ser tratados em ordem à articulação com os recursos mineiros desta região e prováveis horizontes coevos. Múltiplos problemas de ordem económica e social estarão implicados nesta rica e variada produção metalúrgica que, de momento, não cabe aqui referir. Gostariamos de tão só enunciar algumas linhas de força, sugeridas pelas diversificadas manifestações culturais deste período, que poderão suscitar a discussão no que respeita à inserção desta área no âmbito peninsular e atlântico.

— E já um lugar comum dizer que na primeira metade do II.^o milénio a.C. se realizou em toda a fachada atlântica uma transformação social que se evidência no registo arqueológico pelo aparecimento das primeiras inumações individuais ricas em objectos de prestígio constituídos por armas e adornos em metal. A par destas surgem outras que, embora menos ricas, pela variedade dos processos construtivos e de rituais funerários que representam, manifestam claramente uma estratificação social que poderá ser correlativa do nascimento dos primeiros «chefados» da I. do Bronze.

— Contudo, há que reflectir no posicionamento cronológico destas manifestações funerárias relativamente às que integram cerâmica campaniforme, como repensar a sua inserção no fenómeno campaniforme tomado globalmente. No Sudoeste, o «horizonte da Ferradeira» (SCHUBART, 1971) é entendido como uma associação tumular que representa duma forma específica e regional o fenómeno campaniforme. De facto, ainda que recentemente se tenha vindo a descobrir cerâmica campaniforme de tipo tardio no Alentejo (J. M. ARNAUD, 1982), a par de outras já anteriormente conhecidas (C. T. SILVA e J. SOARES, 1976-77), poderíamos aceitar, dada a raridade desta cerâmica no Alentejo e Algarve, que o H. de Ferradeira é sincrónico, do ponto de vista cronológico e cultural, do fenómeno campaniforme florescente nas áreas do Ribatejo e Estremadura (desembocadura do Tejo) e Huelva-Sevilha. Já no Noroeste Peninsular se nos afigura que a série tumular de Montelavar poderá eventualmente ser contemporânea da série tumular com cerâmica campaniforme (tipos pontilhado geométrico e inciso na mesma região, pelo menos, durante uma primeira fase e em certos territórios, onde os mesmos tipos de túmulos forneceram quer cerâmica campaniforme, quer objectos como diademas de ouro, punhais de lingueta e pontas de tipo Palmela) (F. CRIADO BOADO e J. M. VÁZQUEZ VARELA, 1982). De facto, no Noroeste, a cerâmica campaniforme é bastante mais abundante do que no Alentejo e Algarve, e, recentemente têm sido descobertas jazidas, tanto na Galiza como no N. de Portugal, que apontam para a sua existência tardia (no N. de Portugal, particularmente no monumento de Chã do Carvalhal, ou no habitat do Tapado da Caldeira, Baião). Se atendermos a que, em outras áreas da Península, as tumulações campaniformes consideradas recentes integram alguns artefactos metálicos recorrentes no «H. Montelavar» e cerâmica campaniforme de tipo Ciempozuelos - Palmela, pensamos poder colocar a hipótese dum sincronismo, ao menos parcial, entre os dois tipos de enterramentos (com e sem cerâmica campaniforme), para o qual deveríamos buscar explicação na ampla diversidade de possibilidades económicas e sociais desta época, nesta região.

— Como é sabido, desconhecem-se os povoados desta fase. Isto dificulta particularmente a resposta a uma questão fulcral: que factores determinaram a transformação social implícita no aparecimento de testemunhos de poder «individualizado»?

A existência de abundantes objectos metálicos de produção local, aparentemente parece apontar para a necessidade dum poder progressivamente criado no controle da produção e redistribuição desses artefactos de prestígio (D. CLARKE, 1976). Contudo, a comprovação desta ideia implicaria uma larga visão de comportamento local das populações, o conhecimento das estruturas de habitat, de formas de exploração económica do território, a compreensão da variedade de situações concretas e estruturais inerentes aos múltiplos depósitos (intencionais ou acidentais) de objectos em metal, etc. Por outro lado, hoje em dia, vários autores tendem a valorizar o controle sobre o uso das melhores terras de cultivo e pastoreio, como uma das razões fundamentais para a diferenciação social surgida com o fenómeno campaniforme e desenvolvida durante a 1.^a metade do II.^o milénio a.C. (A. GILMAN, 1976). O metal seria trabalhado localmente, em períodos curtos, sazonais e destinar-se-ia mais à feitura de elementos de prestígio que espelhariam e fortaleceriam o poder de alguns «chefes» sobre as comunidades locais no domínio que exerciam sobre o acesso destas ao uso da terra (J. M. COLES, 1982).

Neste sentido, será praticamente impossível integrar as várias manifestações de ordem social e económica num quadro explicativo coerente, sem desenvolver um plano de investigação que vise a determinação das diferentes *paisagens* que o homem deste período utilizou, através de estudos em várias frentes (palinologia, sedimentologia, paleo-bitânica, fotografia aérea, etc.). Cada vez mais a investigação das sociedades da I. do Bronze europeia se dirige no sentido de compreender o sentido da acção humana na paisagem e através dele atingir o complexo de causas para a emergência de comunidades hierarquizadas que produzem e difundem em larga escala artefactos metálicos de luxo.

3 — Aspectos da 2.^a metade do II.^o milénio a.C.

Durante a 2.^a metade do II.^o milénio a.C. (1500-1100 a.C.), desenvolve-se uma diversidade e movente produção metalúrgica que admite a construção de aproximadas correlações tipológicas entre artefactos provenientes de regiões afastadas da Península. A título de exemplo, saliente-se a espada de rebites de S. Bartolomeu do Mar (HARBISON, 1967) que se integra num grupo de espadas disseminadas pela metade setentrional da Península, dos começos do Bronze Médio (Estádio V, 1600-1500 a.C., ALMAGRO GORBEA, 1976).

Os machados planos de bordo encurvado (Bujões-Barcelos), de rebordos laterais e os primeiros tipos de talão, inseridos por Harbison (juntamente com as grandes espadas de rebites) no «horizonte Barcelos-Melide» (HARBISON, 1967) e sistematizados por Monteagudo (1977), reflectem, além duma produção local, que transcende o antigo fabrico de objectos de prestígio, um organizado comércio a distância, o qual articula áreas culturais até então relativamente independentes. Os braceletes em ouro Arnozela (Fafe) de secção «em fita» apelam, na sua simplicidade e tipologia, para exemplares franceses do Bronze Médio (cuja origem pode remontar aos fins do Bronze Antigo), com paralelos genéricos em Saint-Babel (Puy-de-Dôme) e Villeneuve-Saint-Vistre (Marne) (C. ELUÈRE, 1982). Também nesta fase se deve integrar o bracelete maciço de bronze do Corvilho (Santo Tirso) de secção plano-convexa, cujas extremidades são acentuada por leves espessamentos de secção quadrangular. É decorado com incisões e puncionamentos organizados em métopas. Pode articular-se com uma vasta «família» de braceletes maciços decorados da Europa atlântica, como os bretões de tipo Bignan ou de Hinguet (C. ELUÈRE, 1982).

Uma das mais incisivas questões relativas a esta fase será tentar caracterizar o quadro humano da vida quotidiana e das manifestações funerárias e rituais que preside à actividade metalúrgica acima mencionada. Embora existam até ao momento muito poucos elementos de comparação, há que reinterpretar os actuais dados à luz de novos conhecimentos adquiridos em recentes escavações.

A necrópole do Tapado da Caldeira, Baião (S. Oliveira JORGE, 1980) permitiu caracterizar um tipo de sepulturas do Bronze Médio-Tardio e integrar indirectamente dados que se encontravam dispersos ou eficientemente identificados. Trata-se de sepulturas abertas no saibro de planta rectangular ou elíptica, provavelmente de inumação individual integrando, como espólio, apenas em cada uma, um vaso na extremidade. Não havia sinais de qualquer cobertura em pedra ou de outro tipo. As sepulturas encontravam-se cheias de terra pouco compacta e não havia indícios de violações ulteriores. Apenas na sepultura I foram recolhidos carvões da base da mesma que forneceram duas datas pelo C14 que apontam a utilização da necrópole por volta de 1300 a.C. Os vasos são heterogéneos do ponto de vista tipológico e cultural e deixam antever uma interessante simbiose entre a ambiência de Cogotas I e o mundo do Noroeste. No que toca ao horizonte de Cogotas I, a cronologia agora apresentada entronca no que se conhece de mais antigo, quer na Meseta (FERNÁNDEZ POSSE y de ARNÁIZ, 1981), quer no Sudeste (MOLINA GONZALEZ, 1983). O fundo local exprime-se particularmente no vaso da sepultura II, um recipiente sub-cilíndrico, com asa e bordo estreito horizontal, decorado com uma fila de mamilos sob o bordo e três cordões horizontais na parte média. Este vaso articula-se com um conjunto de recipientes bastante abundantes no Noroeste que, embora diversificados na conjugação dos seus atributos, se inserem todos na forma geral tronco-cónica ou sub-cilíndrica, e geralmente apresentam uma asa lateral. Estes

vasos ocorrem em diversos contextos, provavelmente desde o Bronze Antigo, embora, durante a 2.^a metade do II.^o milénio a.C., possam incluir um atributo novo — o largo bordo horizontal (eventualmente decorado). Precisamente este último tipo de vasos, que tem uma expressiva expansão litoral, ocorre num outro contexto funerário, a necrópole de cistas de S. Paio de Antas (Esposende) (cistas alongadas de inumação individual) e num contexto ainda não totalmente interpretado, o das fossas abertas no saibro de Caldeias (Guimarães). Os outros locais onde foram descobertos estes recipientes, ou se relacionam com zonas de «habitat» ou não estão suficientemente identificados. Desde há muito que a inserção cronológica e cultural deste tipo cerâmico é controversa. Desde a posição inicial de Leite de Vasconcelos (1905) que o incluiu no Neolítico final, passando pela sua integração no «Eneolítico» ou Bronze Inicial, até à sugestão duma cronologia adentro do Bronze Final, podemos constatar quanto tem sido polémica a sua abordagem.

Basicamente as interpretações apoiam-se na análise comparada da decoração do largo bordo horizontal, que, ora se pretende relacionar com protótipos da chamada «cultura das grutas» e/ou campaniforme ou com modelos técnicos e temáticos da cerâmica «castreja».

É óbvio que a saída deste impasse só poderá residir na descoberta dum contexto arqueológico «in situ» passível de datação absoluta ou relativa. Recentemente a escavação de povoados como o da Bouça do Frade e Monte Calvo (Baião), ou Pedroso (Celorico de Basto), tem vindo lentamente a contribuir não só para a identificação cronológica dos vasos de largo bordo horizontal (B. FRADE e PEDROSO) como para iniciar um processo de conhecimento de formas de povoados da I. de Bronze. Trata-se de povoados (com ou sem condições naturais de defesa) que inserem estruturas em fossa - prováveis silos - e buracos de poste relacionados com estruturas habitacionais de vários tipos. O povoado de B. do Frade, situado a poucos metros da necrópole do Tapado da Caldeira, provavelmente coeva (em amplos parâmetros cronológicos), forma com esta um conjunto de inegável importância para o entendimento da relação entre o habitat e as estruturas funerárias desta fase.

Cremos que no final do II.^o milénio, inícios do I.^o a.C., o povoamento poderá acusar uma preocupação defensiva acentuada, no alto de morros que dominam a paisagem circundante. E sabemos particularmente isto pela descoberta relativamente recente de cerâmica brunida carenada, habitualmente designada de «tipo Alpiarça» em povoados situados em locais elevados como Facha (Ponte de Lima), Alvarelos (Barcelos), Geraz do Lima (Viana do Castelo), Castelo de Matos (Baião), S. Tiago (Chaves). Também na estação de Alto da Caldeira (Baião) pensamos poder identificar cerâmica brunida desta fase. Mas este período de transição, responsável, decerto, por importante produção e comércio de machados de talão de dupla aselha, tão característicos no Noroeste, encontra-se ainda mal definido, mesmo ao nível da identificação de elementos locais e alógenos, mau grado tentativas de síntese de inegável interesse (H. SAVORY, 1951; P. KALB, 1979/1980). Por outro lado, articulando-se com a ambiência dos povoados fortificados do I.^o milénio a.C. cai já fora da evolução cultural que procurámos aqui esboçar.

Sobre a 2.^a metade do II.^o milénio a.C. salientemos também algumas linhas de força:

— ainda que seja de admitir uma perduração de formas de enterramento «tumular» na tradição do Bronze Antigo (eventuais reutilizações de monumentos megalíticos ou construção de novos túmulos) emerge nesta época a construção da sepultura plana, sem «tumulus» (cistas alongadas ou fossas rectangulares abertas no saibro) em relação com a inumação individual. Nestas sepulturas o espólio circunscreve-se a vasos cerâmicos. Num caso comprova-se a localização da necrópole perto da área de «habitat» (Tapado da Caldeira);

— o povoamento, com ou sem condições naturais de defesa, articula-se com zonas de vale e integra prováveis silos, o que sugere uma agricultura evolucionada que deve ser correlativa dum alargamento da actividade metalúrgica, patente na quantidade e diversidade de artefactos metálicos desta época distribuídos por esconderijos, depósitos e tesouros;

— a circulação no N. de Portugal de material metálico e cerâmico semelhante ao de outras áreas da Península (talvez fabricado localmente segundo padrões alógenos) parece indicar a existência duma vasta rede de contactos comerciais que só pode resultar duma paulatina transformação na estrutura económica e social deste período;

— dadas as condições especialmente favoráveis do ponto de vista da existência de minas de estanho no Noroeste (que influenciou a produção metalúrgica de toda a Península e fora dela), pode colocar-se a questão de se inferir do real significado económico e social da prática metalúrgica desta fase. Esta desenvolve-se não apenas para servir o reforço duma elite em objectos de prestígio, mas para produzir objectos de troca, cujo controle de produção e distribuição terá implicado, como aliás em outras áreas peninsulares (H. SCHUBART, O. ARTEAGA, 1983), um povoamento hierarquizado e multifacetado de acordo com as várias funções económicas assumidas. Funções económicas que se não esgotam naturalmente nas actividades relacionadas com a produção e circulação do metal, mas que terão cada vez mais a ver com o uso de terras agricultáveis e a sua disputa ao nível regional.

Outubro de 1983

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO Gorbea, M., 1976, La espada de Entrambasaguas. Aportación a la secuencia de las espadas del bronce en el Norte de la Península Ibérica, *I.C.C.*, III, Santander.
- ALMEIDA, C. A. F. de, 1975, A cerâmica castreja, *Revista de Guimarães*, LXXXIV.
- ARNAUD, J. Morais, 1982, O povoado calcolítico de Ferreira do Alentejo no contexto da bacia do Sado e do Sudoeste peninsular, *Arqueologia*, 6, Porto.
- BRIARD, J., 1966, *Les dépôts bretons et l'âge du Bronze Atlantique*, Fac. des Sciences de l'Université de Rennes, Rennes.
- CARDOZO, M., 1971, A estação pré-histórica da serra da Penha (Guimarães), *Actas do II.º Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra.
- CASTILLO, A. del, 1947, La gran cultura hispánica del pleno Eneolítico; el vaso campaniforme, *Historia de España* (dir. M. Pidal), t. I, vol. 1.
- CLARKE, D., 1976, The Beaker Network-Social and Economics Models *Glokenbecher symposium*, Oberried.
- COLES, J. M., 1982, The Bronze Age in Northwestern Europe, *Advances in World Archaeology* (ed. F. Wendorf e A. E. Close), Vol. 1, Academic Press.
- CORTEZ, R., 1948, Arqueologia da região produtora do vinho do Porto, *Instituto do Vinho do Porto*, (supl. caderno 100).
- CRÍADO Boado, F. e J. M. V. Varela, 1982, La cerámica campaniforme en Galicia, *Cuadernos do Seminario de Sargadelos*, 42.
- CRUZ, D. J. da, 1983, Escavação da Mamoa 1 da Chã de Carvalhal — Serra da Aboboreira, *Arqueologia*, 7, Porto.
- CUEVILLAS, F. L., 1947, Los vasos semiovoides y la cronología de los vasos de ancho borde horizontal, *Boletín de la C.P.M.H.A. de Orense*, t. XVI, fasc. I.
- CUEVILLAS, F. L., 1980, *Historia de Galiza, Prehistoria*, vol. III, 2.ª ed. Akal Ed.
- DELIBES de Castro, G., 1976-77, Poblamiento eneolítico en la Meseta Norte, *Sautuola II*, Santander.
- DELIBES de Castro, 1978, Carbono 14 y fenómeno campaniforme en la Península Ibérica, *C14 — Prehistoria de la Península Ibérica*, Fundación March, Madrid.
- ELUÈRE, C., 1982, *Les ors préhistoriques*, (col. L'Âge du Bronze en France, 2), Paris.
- FERNANDEZ-POSSE y de Arnáiz, M. D., 1981, La Cueva de Arevalillo de Cega (Segóvia), *N. A. H.*, 12.
- GILMN, A., 1976, Bronze Age dynamics in Southeast Spain, *Dialectical Anthropology*, 1.
- GONÇALVES, A. A. B., 1984, A mamoa 2 de Out.º de Ante, Baião, *Arqueologia*, n.º 9, Porto.
- GUILAINE, J. e O. V. Ferreira, 1970, Le Néolithique ancien au Portugal, *B. S. P. F.*, t. 67.
- GUILAINE, J., 1976, *Les premiers bergers et paysans de l'Occident méditerranéen*, Ed. Mouton.
- HARBISON, P., 1967, Mediterranean and atlantic elements in the early Bronze Age of Northern Portugal and Galicia, *M. M.*, 8.
- HARRISON, R., 1974 a, Ireland and Spain in Early Bronze Age, *Journal of the Royal Society of Antiquaries*, vol. 164.
- HARRISON, R., 1974 b, A closed find from Cañada Rosal, Prov. Sevilla and two bell Beakers, *M. M.*, 15.
- HARRISON, R., 1977, *The bell Beaker cultures of Spain and Portugal*, Cambridge.
- HARRISON, R., 1980, *The Beaker folk copper age archaeology in western Europe*, Thames and Hudson.
- JORGE, S. O., 1980, A necrópole do Tapado da Caldeira, *Arqueologia*, 2, Porto.
- JORGE, S. O. e T. Soeiro, 1981, Escavações arqueológicas na Vinha da Soutilha (Mairós, 1981), *Portugalia*, Nova Série, vol. II-III, Instituto de Arqueologia, Fac. Letras, Porto.
- JORGE, V. O., 1980, Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos, Serra da Aboboreira, Baião, *Portugalia*, Nova Série, I, Instituto de Arqueologia, Fac. Letras, Porto.
- JORGE, V. O., 1982, *O megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto — os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, Dissertação de doutoramento, Fac. Letras, Porto.
- JORGE, V. O., 1983, Escavação das Mamoas 2 e 4 de Meninas de Crasto, Serra da Aboboreira, Baião, *Arqueologia*, 7, Porto.
- JUNIOR J. R. dos Santos, 1933, A cerâmica campaniforme de Mairós (Trás-os-Montes), *Homenagem a Martins Sarmiento*, Guimarães.
- KALB, P., 1979, Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal, *Germania*, 58.
- KALB, P., 1980, O «Bronze Atlântico em Portugal», *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. 1.
- LEINER, V. e H. Schubart, 1966, Die Kupferzeitliche Befestigung von Pedra do Ouro, *M. M.*, 7.
- LEISNER, V. e L. Ribeiro, 1968, Die Dolmen von Carapito, *M. M.*, 9.
- LÓPEZ Plaza, S., 1978, *Comienzos del eneolítico protourbano en el SO de la Meseta Norte*, Universidade de Salamanca.
- LÓPEZ Plaza, S., 1979, Aportación al conocimiento de los poblados eneolíticos del SO de la Meseta N. española; la cerámica, *Setubal Arqueologica*, Vol. 5.
- MACWHITE, E., 1951, *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispanica en la Edad del Bronce*, Madrid.
- MARTIN Valls e G. D. Castro, 1975-76-77-81-82, Hallazgos arqueológicos en la provincia de Zamora — II/IX, *B. S. A. A.*, XLI-XLVIII.
- MOLINA Gonzalez, F., 1978, Definición y sistematización del bronce tardío y final en el Sudeste de la Península Ibérica, *Cuad. Prehist. Univ. Granada*, 3.
- MONTEAGUDO, L., 1977, *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*, (Praehistorische Bronzefunde, IX), Munique.
- PIGGOT, S., 1947, Relações entre Portugal e as Ilhas Britânicas nos começos da Idade do Bronze, *Revista de Guimarães*, LVII.
- RIBEIRO, R., 1931, Uma estação eneolítica do Monte da Ínsua, *Revista de Guimarães*, XLI, n.º 1-2.
- RUIZ-GÁLVEZ Priego, M., 1979, El Bronce Antiguo de la fachada atlántica peninsular: un ensayo de periodización, *T. P.*, 36.
- SAN VALERO Aparisi, 1942, Notas para el estudio de la cerámica cardial de la cueva de la Sarsa, *Actas y Memórias de la Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria*, XVII.
- SAVORY H., 1951, A I. do Bronze atlântico no Sudoeste da Europa, *Revista de Guimarães*, LXI, 3-4.
- SAVORY, H., 1969, *Espanha e Portugal*, Verbo.
- SCHUBART, H., 1971, O Horizonte de Ferradeira, *Revista de Guimarães*, LXXXI.
- SCHUBART, H., 1973, Las alabardas tipo Montejícar, *Estudios dedicados al Prof. Pericot*.
- SCHUBART, H. e O. Arteaga, 1983, Excavaciones en Fuente Alamo (I-III) La cultura de «El Argar», *Revista de Arqueologia*, 24-27, Madrid.
- SOARES, J. e C. T. Silva, 1976-77-79, Cerâmica campaniforme de Vale Vistoso, *Setubal Arqueologica*, II-III.
- SOEIRO, T., 1982, Esconderijo de Sequeade (Barcelos), *Arqueologia*, 5, Porto.
- SOUSA, A., 1981-82, A cerâmica da Gândara, Esposende, *Portugalia*, Nova Série, II-III, Instituto de Arqueologia, Fac. Letras, Porto.
- SOUSA, J. J. R., 1976, Vasos campaniformes no Norte de Portugal, *Actas de las Jornadas de Metodologia Aplicada de las ciencias historicas I*, Santiago de Compostela.
- TAYLOR, J., 1970, Lunulae reconsidered, *P. P. S.*, 36.

DISCUSSÃO

VICTOR GONÇALVES * — Por certo a comunicação de Susana Oliveira Jorge oferece uma actualizada síntese sobre uma questão que, no entanto, parece longe de estar encerrada e gostaria de felicitá-la pela oportunidade do seu trabalho. Alguns pontos, porém, parecem justificar comentário. Tal é o caso de (1) as comparações com a Meseta e os casos de Teso del Moral e Peña del Aguila (2) a referência específica aos chamados «ídeos-de-cornos» (3) a referência a vasos decorados com triângulos preenchidos, comuns em Chibanes e Pedra d'Ouro (4) a datação ¹⁴C para a Vinha da Soutilha e as eventuais aproximações com o Centro/Sul de Portugal e o Sudoeste (5) a utilização do conceito «Horizonte de Ferradeira» como um *terminus ante quem*.

Independentemente de uma urgente re-análise, impossível de fazer aqui, da sobrevalorização dos paralelismos exaustivos que parecem aproximar grupos muito distantes, e isto geralmente com base em tipologias curtas ou análises contextuais mutiladas, haverá que observar aos pontos atrás enumerados o seguinte:

1. Não parece impossível, numa primeira análise, admitir semelhanças entre alguns artefactos de Teso del Moral e Peña del Aguila e outros do Noroeste de Portugal. Como semelhanças se poderiam encontrar, aliás, com materiais do Centro/Sul de Portugal ou mesmo do Sudoeste Peninsular em geral. Mas a verdade é que a única publicação disponível sobre esses importantes sítios espanhóis é, por enquanto, assaz insuficiente, não parecendo lícito usar tais dados sem sérias reservas. Haverá, sem dúvida, que esperar pelo prosseguimento dos trabalhos para se poder concluir estarmos perante reais conjuntos específicos ou peças seleccionadas cuja integração haverá que completar.
2. O caso dos *ídeos de cornos* — nome vago com que alguns colegas comprimiram um naipe amplo de figurinhas, por vezes bem diferentes entre si — vem precisamente ilustrar o que se disse: uma das figurações divulgadas por Socorro López é absolutamente idêntica a outra, do Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim), esta porventura melhor conservada. Mas o conjunto dos materiais de Santa Justa pouco tem a ver com a Meseta e a questão, no que se refere a presumíveis figurações de divindades, é sempre semelhante: o tempo alarga-se, os fenómenos de longa duração tornam-se a regra e é difícil usá-los para caracterizar patamares diacrónicos muito precisos. Que surjam *ídeos de cornos* — ou algo assim chamado — na Meseta, em Vila Nova de S. Pedro, Cabeço da Bruxa ou Santa Justa não é, em absoluto, excessivamente importante, sendo provável que algumas boas centenas de anos os separem. E que a sua ocorrência tenha lugar — como no caso de muitas outras manifestações do sagrado — em contextos bem diferentes.
3. Presumo que a referência a «triângulos incisos preenchidos com punctionamentos» diga respeito a um e não a dois tipos de cerâmicas decoradas do Centro de Portugal. É um caso interessante esta cerâmica indubitavelmente associada à chamada «folha de acácia», quando não inclui ela própria motivos deste género. Mas nada há a ver entre os exemplos bem escolhidos de Pedra d'Ouro e Chibanes (ou Rotura IIa) e os da Furninha. Guilaine não cometeu esse erro e viu bem a grande distância cronológica que os separa.
4. Quanto à datação ¹⁴C da Vinha da Soutilha, tendo eu confiança na forma como foi obtida, gostaria de sublinhar que me parece excessivamente alta. Certo é que se tem verificado recentemente na Pré-História Peninsular uma curiosa tendência para datações particularmente elevadas e a tal modo que, ainda este ano, num Colóquio do CNRS, em Montpellier, se levantavam sérias reservas a essas datações que por pouco não colocavam a domesticação da ovelha no Paleolítico... Haverá, portanto, que encarar com serenidade estas datações, sobretudo quando apenas dispomos de uma amostra datada. Nada permite aproximar a datação da Vinha da Soutilha das séries obtidas para o Sudoeste, e muito menos das de Santa Justa. Quanto a estas últimas, recentemente divulgadas «em antestreia» por J. Arnaud, numa manobra de antecipação que mais se explica pela psicanálise que pela arqueologia, elas foram apresentadas sem qualquer contexto, como se compreende, uma vez que quem as obteve e tem vindo a escavar esse povoado fortificado esperou dados complementares e contra-datações para as poder enfim divulgar com a indispensável seriedade. E obviamente acompanhadas pelos seus contextos arqueológicos.
As datações de Santa Justa, como as do Zambujal e de outros sítios do Centro/Sul de Portugal e que se referem a populações detentoras de metalurgia do cobre, calcolíticas portanto, vêm no entanto, e desde já, tornar altamente improvável que se possa aceitar a data bruta (entenda-se: de ¹⁴C) de 2800 para o início do Calcólítico da Meseta, e por extensão, no Noroeste. Mesmo se se tratasse de uma data artificialmente calibrada haveria que discuti-la com outros dados em apoio, tão estranho é que a metalurgia comece em terras sem cobre mais de quinhentos anos antes do que naquelas em que ele é abundante.
5. Finalmente o caso do «Horizonte de Ferradeira». Não vejo, sinceramente, outra classificação para tal «conceito» senão a de um imenso e belo trabalho de *patchwork*. Agrada à vista mas, se formos um pouco, são nítidas as costuras... Por várias razões este pretendido «horizonte» é ainda hoje inoperacional. Em primeiro lugar só poderia funcionar como uma simples hipótese de trabalho para explicar uma transição (que possivelmente se verificou aliás noutros planos). Em segundo, baseia-se sobre uma pequena e mal escavada necrópole e em escassos artefactos isolados, dispersos por Museus, e sem contexto de origem. E, em terceiro, desconhecem-se totalmente avanços posteriores à formulação do conceito que o confirmem. Num sentido, poder-se-á dizer que a génese da questão de Ferradeira — se questão existe — é muito semelhante à de outro conceito, o de *pré-campaniforme*, com que se pretendeu amalgamar a complexidade e a riqueza do Calcólítico *não-campaniforme*. Solução esta muito ao agrado de alguns escolares mas definitivamente de afastar, no estado actual dos nossos conhecimentos. Ora cada vez menos se vão podendo usar esquemas unilineares ou chaves falsas para resolver os problemas da Pré-História de Portugal. E se um possível «Horizonte de Ferradeira» seria útil para explicar os mecanismos de transição do Calcólítico Final ao Bronze Antigo no Sul de Portugal, no Sul *não-campaniforme*, precisaríamos, antes, de conhecer os seus povoados e necrópoles para que tal explicação seja, no mínimo, aceitável e o conceito passível de utilização.

SUSANA O. JORGE — Em resposta à intervenção do Dr. Victor Gonçalves, que agradeço, gostaria de acentuar que:

1. As semelhanças encontradas em recipientes cerâmicos provenientes de estações do N. de Portugal e da Meseta, referidas na minha comunicação, resultam da observação comparativa directa de materiais de ambas as regiões.
Tanto na Meseta, como, e sobretudo, no Norte de Portugal, as investigações no domínio da Pré-História recente encontram-se numa fase embrionária, pelo que as semelhanças formais observadas não podem, por ora, servir para afirmar uma identidade cultural entre as duas áreas, na época considerada. No entanto, as análises preliminares já realizadas fornecem, em termos gerais, indícios sobre pontos de contacto que precisam de ser testados pela investigação, mas que tornam potencialmente mais frutuoso o permanente intercâmbio dos investigadores das duas áreas.
2. Os chamados «ídeos de cornos», presentes em várias estações peninsulares, podem ter tido significados diferentes consoante os contextos em que se inserem. Contudo, parece-me que tais objectos, provavelmente de natureza cultural, se articulam fundamentalmente com comunidades «calcólíticas» (quer se empregue este termo no sentido cronológico, quer, mais amplamente, na sua acepção cultural). Assim, qualquer que seja a função particular que tenham desempenhado nas

- estações da Meseta, a sua presença, se articulada com outros elementos culturais, poderá sugerir, para esses contextos, uma época e/ou um estágio de desenvolvimento semelhante ao de outras comunidades peninsulares em que também ocorrem.
3. É de desejar que futuras revisões estratiográficas e tipológicas contribuam para a construção de um quadro cronológico mais coerente das várias manifestações do Neolítico-Calcolítico do Centro e Sul de Portugal. Por exemplo, tem-se constatado, ao nível da cerâmica, que alguns motivos decorativos neolíticos perduraram até ao III.º milénio a.C., como nos indicam Savory (1969) e Guilaine (1970). Um desses motivos, o dos triângulos preenchidos com punçamentos ou incisões, ocorre na Gruta da Furninha, embora seja muito mais abundante em estações como Pedra do Ouro, Chibanes, Olelas, Eira-Pedrinha, etc. Isto não significa que os recipientes cerâmicos que ostentam esses motivos sejam todos da mesma época. A aproximação sugerida na minha comunicação é de ordem *geral* — reporta-se a cerâmicas designadas «pré-campaniformes» (Leisner e Schubart, 1966) —, numa atitude intencionalmente prudente, dado o estado incipiente dos nossos conhecimentos sobre as cerâmicas do N. de Portugal, tanto no que diz respeito a cronologias, como ao aspecto tipológico.
 4. O interesse da data de C14 da Vinha da Soutilha é, para já, e como foi referido, muito relativo; no entanto, ele não invalida em termos gerais interpretações cronológico-culturais sugeridas pelo contexto arqueológico a que se reporta. A propósito, conviria reflectir sobre o significado da palavra «Calcolítico» no âmbito peninsular, quer em geral, quer sobretudo quando aplicada a cada região específica. Envolve tal termo uma classificação puramente cronológica, exclusivamente cultural, ou ambas simultaneamente? Adoptando um critério cultural, qual o peso relativo que a presença de alguns objectos metálicos, no seio de uma comunidade basicamente «neolítica», deverá ter? Serão tais objectos importados, e portanto, produto de um comércio, ou fabricados localmente, e assim já resultado de uma difusão ou aculturação técnica? Se, pelo contrário, pensarmos em termos cronológicos, não convirá distinguir claramente períodos gerais, atribuíveis ao conjunto da Península, e períodos locais, que podem mostrar desfasamento em relação àqueles? Há que ponderar cautelosamente todos estes critérios, realizando, em cada região, estudos atentos à relação entre vários elementos, como recursos naturais, estratégias de povoamento, dimensão e morfologia dos habitats, variabilidade estilística da «cultura material», etc. Conseguida assim a determinação das características essenciais de cada cultura ou fácies cultural, procurar-se-á posicioná-la num quadro cronológico, local e geral, ressaltando, a este último nível, as assimetrias de desenvolvimento que todas as épocas conheceram. Trata-se, no fundo, de esclarecer o conteúdo do termo «calcolítico» para cada caso, determinar as várias modalidades culturais que essa palavra pode abranger.

Nestes termos, a existência, em contextos pré-históricos do N. da Península, de elementos que habitualmente designamos «calcolíticos» na sua área meridional, terá de ser ponderada à luz dos nossos conhecimentos globais sobre tais contextos, e em particular no que toca ao papel que a tecnologia do cobre terá desempenhado nessa região durante o III.º milénio a.C. O grande interesse do estudo desta região «interior» reside precisamente na sua comparação com o panorama cultural das áreas litorais do Sul da Península, onde tradicionalmente o «Calcolítico» vem sendo investigado.